

"Pouco a Pouco... As Dores Viram Água": Mergulhando na Profundidade do Documentário *Elena* de Petra Costa¹

Débora Augusta Alves Santos²

David Alves de Souza Neto³

Mayhan Santos Araujo⁴

Dirceu Martins Alves⁵

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

Este trabalho analisa o documentário *Elena* (2012), de Petra Costa, com base na semiótica, abordando sua estrutura narrativa e estética. O problema de pesquisa é sua classificação entre os modos documentais, com foco nas dimensões poética e performática. O objetivo é investigar como recursos como vídeos caseiros, voice-over e montagem constroem uma experiência imersiva. A metodologia combina análise fílmica e revisão teórica com base em Nichols, Bordwell e Thompson. Os resultados indicam que *Elena* propõe uma linguagem documental subjetiva, articulando memória, identidade e emoção.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário contemporâneo; Cinema Brasileiro; Semiótica; Elena; Petra Costa.

INTRODUÇÃO

O documentário *Elena* (2012), dirigido por Petra Costa, apresenta uma narrativa híbrida que combina elementos performáticos e poéticos para contar a história de sua irmã, Elena. O filme transita entre passado e presente, reconstruindo memórias por meio de materiais audiovisuais como vídeos caseiros, fotografias e diários. Este estudo investiga como esses recursos contribuem para a estética singular da obra,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE02 - Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

² Discente do Curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da UESC, e-mail: daasantos.rti@uesc.br

³ Discente do Curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da UESC, e-mail: dasouza.rti@uesc.br

⁴ Discente do Curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da UESC, e-mail: msaraujo.rti@uesc.br

⁵ (Orientador) - Professor Titular do DLA (UESC), Comunicação Social – Rádio, TV e Internet, e-mail: dmalves@uesc.br

explorando sua abordagem estilística e impacto emocional. Os espectadores são conduzidos pela história de Elena, desde sua infância até a fase adulta, enquanto ela persegue o sonho de se tornar atriz e se muda para Nova Iorque. No entanto, ao longo dessa nova jornada, ela enfrenta diversas experiências negativas que desencadeiam uma possível depressão. A câmera acompanha todas as fases da família, o que contribui para a reconstrução narrativa de Petra; A jornada por Nova Iorque realizada por ela e sua mãe para contar a história de Elena também é significativa.

Segundo Nichols (2010), "a definição de documentário sempre será comparativa ou relativa", sendo estabelecida através da comparação com filmes de ficção, experimentais ou de vanguarda (p. 47). Essa perspectiva permite situar *Elena* dentro dos modos documentais performáticos e poéticos, escapando completamente do padrão convencional. Visto como um ensaio performático sobre a perda, luto, dor e sofrimento vividos pela diretora, todos esses elementos são transformados em poesia sonora e visual - Petra elabora diversas narrativas para expressar a dor de ter perdido a irmã - mas também se tornam um relato sobre a busca de si mesma.

Há normas e convenções que entram em ação, no caso dos documentários, para ajudar a distingui-los: o uso de comentário com voz de Deus, as entrevistas, a gravação de som direto, os cortes para introduzir imagens que ilustrem ou compliquem a situação mostrada numa cena e o uso de atores sociais, ou de pessoas em suas atividades e papéis cotidianos, como personagens principais do filme. Todas estão entre as normas e convenções comuns a muitos documentários. (Nichols, 2005, p. 54)

A profundidade estética da obra se manifesta na montagem fluida e no uso simbólico do som. Bordwell & Thompson (2013) destacam que "o ritmo cinematográfico deriva não apenas da montagem, mas também da mise-en-scène, do movimento da câmera, do ritmo do som e do contexto geral" (p. 358). Em *Elena*, esses elementos se combinam para criar uma atmosfera melancólica e imersiva. Sons ambientes, pausas dramáticas e silêncios estratégicos são empregados para intensificar a carga emocional do filme, tornando-o um espaço de reflexão sobre a dor e o luto. Essa busca por reconstrução e identidade é refletida na linguagem visual do documentário, que alterna imagens de arquivo com registros contemporâneos, criando uma sobreposição temporal que intensifica o impacto narrativo. Ao transformar sua história pessoal em um ensaio cinematográfico, Petra Costa expande o significado do documentário para além do relato biográfico. Como aponta Diógenes et al. (2015), "ao

optar por não reconstruir simplesmente os eventos de sua própria vida e de Elena, a diretora evita a armadilha da confissão, explorando os sentimentos de ausência e reconstrução de maneira artística" (2015, p. 12). Dessa forma, a obra não apenas narra um episódio familiar, mas oferece uma reflexão profunda sobre memória, identidade e dor. Ao mesclar elementos poéticos e performáticos, *Elena* transcende os limites do gênero documental, construindo uma narrativa que convida o espectador a mergulhar nas emoções da protagonista e da diretora.

MEMÓRIA, LUTO E EXPRESSÃO

A voz de Petra Costa assume um papel central na narrativa do filme, guiando o espectador por lembranças e reflexões sobre a perda de Elena. Nichols (2010) destaca que "o modo performático do documentário enfatiza a experiência subjetiva e emocional do realizador e dos personagens envolvidos na narrativa" (2010, p. 170), e *Elena* exemplifica essa abordagem ao se apoiar fortemente na narração em *off* para estruturar sua dramaturgia. O uso do *voice-over* no documentário vai além da simples explicação dos acontecimentos; ele serve como um dispositivo de imersão sensorial, intensificando a conexão emocional do espectador com a trajetória da protagonista. A forma como Petra constrói suas frases, muitas vezes com pausas dramáticas e tom melancólico, reforça a ideia de um fluxo de pensamento interior, como se suas palavras saíssem diretamente da sua memória. A alternância entre narrativas no passado e no presente dissolve a linearidade cronológica, contribuindo para a estética poética do filme. Um dos elementos mais marcantes de *Elena* é sua montagem não linear, que alterna entre registros documentais da infância e adolescência de Elena e cenas atuais de Petra em Nova Iorque.

Esse ato de retrospectão, de olhar para trás, relembrando acontecimentos anteriores no decorrer do filme e fazendo ligação com o que está presente no momento, pode ser fundamental para a interpretação do filme, exatamente como a memória pode ser fundamental para a construção de um argumento coerente (Nichols, 2010, p. 91)

Em *Elena*, esses elementos se combinam para criar uma sensação de fluxo constante entre passado e presente. A repetição de imagens e o uso de sobreposição visual — como quando vemos Elena dançando em uma filmagem antiga enquanto Petra narra suas lembranças — reforçam o caráter sensorial da obra. A influência de Eduardo

Coutinho se faz presente na forma como Petra Costa constrói sua narrativa híbrida. Coutinho, em *Jogo de Cena* (2006), questiona os limites entre ficção e realidade ao colocar atrizes para interpretarem histórias reais, desconstruindo a expectativa do espectador em relação ao documentário. Em *Elena*, essa fusão ocorre por meio da montagem e da estética visual, onde as imagens caseiras são reorganizadas de maneira poética, muitas vezes descontextualizadas, permitindo uma experiência imersiva e subjetiva. Essa identificação não é fácil de ser definida inicialmente, pois a obra não segue os caminhos padrões de um documentário convencional.

Figura 1: Cena do documentário Elena



Figura 2: Cena do documentário Elena



A trilha sonora de *Elena* desempenha um papel crucial na construção da atmosfera melancólica do filme. O silêncio é utilizado estrategicamente para ampliar o impacto emocional das cenas, criando momentos de introspecção e reflexão. Costa (2011) afirma que "o silêncio pode ser uma ferramenta narrativa poderosa, permitindo que o espectador se conecte com os sentimentos dos personagens" (2011, p. 45). Essa técnica é amplamente empregada em *Elena*, principalmente nos momentos em que Petra

está revisitando os lugares em que sua irmã viveu. O som ambiente de Nova Iorque, combinado com trechos de gravações antigas da voz de Elena, cria uma sensação de ausência e presença simultâneas, como se a cidade ainda guardasse resquícios da existência da protagonista. A trilha musical, com melodias suaves e tons melancólicos, amplifica a sensação de perda e luto. Sons como o de um avião decolando aparecem como metáforas visuais e sonoras de despedida, representando a separação definitiva entre Elena e Petra.

A trajetória de Elena em Nova Iorque, marcada por desafios e frustrações na tentativa de consolidar sua carreira como atriz, reflete o impacto emocional da busca incessante por identidade e reconhecimento. Conforme sua jornada avança, o documentário adota um tom cada vez mais melancólico, construindo uma atmosfera de isolamento e fragilidade emocional. Essa abordagem faz com que *Elena* não seja apenas um relato íntimo, mas um ensaio visual sobre luto e memória, acessível a qualquer espectador que já tenha vivido a experiência da perda. A figura de Elena assume uma dualidade com Petra e sua mãe, Li An, explorando a conexão entre as três mulheres na construção de suas identidades. A cena em que mulheres encenam a personagem Ofélia, diretamente associada à fragilidade e à morte na literatura shakespeariana, reforça a ideia de que Elena não é apenas uma personagem dentro da narrativa, mas uma representação artística de múltiplas vivências.

O documentário *Elena* amplia as possibilidades narrativas do gênero documental ao se distanciar de uma estrutura convencional expositiva e se aproximar da linguagem poética e performática. Como aponta Diógenes et al. (2015), "ao optar por não reconstruir simplesmente os eventos de sua própria vida e de Elena, a diretora evita a armadilha da confissão, explorando os sentimentos de ausência e reconstrução de maneira artística" (2015, p. 12). Ao desafiar os limites entre realidade e representação, *Elena* se posiciona como uma obra cinematográfica inovadora, que utiliza memória e identidade como material sensorial para sua construção narrativa. Sua fusão de linguagens reforça a ideia de que o cinema documental não precisa seguir um formato rígido, podendo explorar diferentes formas de expressão para transmitir emoções e experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apoiado em elementos como vídeos caseiros, fotografias antigas, diários e trilha sonora melancólica, *Elena* transforma a dor da perda em um ensaio cinematográfico sobre memória e identidade. O filme não se limita a relatar a trajetória de Elena, mas se expande para refletir sobre o impacto da ausência e a busca por pertencimento. Como apontam Nichols (2010) e Diógenes (2015), ao evitar a estrutura convencional do documentário expositivo, Petra Costa cria uma narrativa que propõe uma experiência sensorial única, em que imagem e som dialogam para reconstruir uma história fragmentada. A montagem do filme, profundamente imersiva e estilizada, contribui para a construção de um ritmo cinematográfico que alterna entre introspecção e fluxo de memórias. Bordwell & Thompson (2013) destacam que esse ritmo não depende apenas da edição, mas de uma composição integrada entre som, imagem e movimento da câmera. Isso é claramente perceptível em *Elena*, onde os momentos de silêncio e os efeitos sonoros reforçam a profundidade emocional da narrativa. Além de sua contribuição estética e narrativa, *Elena* representa um marco no cinema documental brasileiro por explorar a subjetividade de maneira intensa. A forma como Petra Costa transforma sua vivência pessoal em um discurso cinematográfico acessível a qualquer espectador reforça a potência da obra como um relato universal sobre perda e reconstrução. Dessa forma, este estudo evidencia que *Elena* não é apenas uma obra audiovisual sobre a história de uma mulher, mas uma reflexão artística e sensorial sobre as complexidades da experiência humana. Seu impacto vai além da tela, convidando o espectador a mergulhar em sua própria percepção sobre memória, identidade e luto, reafirmando o poder do cinema como ferramenta de expressão e conexão emocional.

REFERÊNCIAS

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **Film art: an introduction**. 10. ed. New York: McGraw-Hill, 2013.

COSTA, Fernando Morais da. **O som no cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

DIÓGENES, E. V.; CUCH, R. C.; IKEDA, F. S. M.; MIQUELETE, R. A. S. **O documentário Elena: desdobramentos históricos do ensaio fílmico**. Porto Alegre: ALCAR – Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2015. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/alcar/alcar2015/resumos/R18-0414-1.pdf>. Acesso em: 13 de março 2025.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Alessandra Maia. Campinas, SP: Papirus, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/38122320/Introducao_Ao_Documentario_Bill_Nichols

RAMOS, Fernão. **Mas afinal, o que é mesmo documentário?** São Paulo: SENAC, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón. **Multimedialidade no jornalismo digital**. In: CONFERÊNCIA DE

JORNALISMO DIGITAL, 2005, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/8034/1/Multimedialidad.pdf>. Acesso em: 16 março 2025.

COUTINHO, Eduardo. **Jogo de cena**. Direção: Eduardo Coutinho. [Filme-vídeo]. Brasil: VideoFilmes, 2006. 105 min. Documentário.